

## RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINO DE PSICOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE SENSIBILIZAÇÃO<sup>1</sup>

**Marilda Castelar** Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Psicóloga. Professora adjunta do curso de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública  
marildacastelar@bahiana.edu.br

**Carolina Conceição de Oliveira Santos** Aluna de Iniciação Científica (2009/2010) do curso de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e membro do GTPRR, vinculado à CDH do CRP-03. ccospsi@gmail.com

### Resumo

O texto relata as contribuições de disciplinas específicas com temas vinculados às relações raciais na formação em Psicologia, para uma atuação profissional que contemple a diversidade racial e o sofrimento psíquico, frutos do racismo em nossa sociedade. O intuito foi sensibilizar estudantes de psicologia para a discussão sobre relações raciais e aproximações com o campo. Buscou-se propiciar uma análise crítica sobre preconceitos e estereótipos presentes na prática de profissionais da Psicologia. As atividades foram desenvolvidas em sala de aula e, em paralelo, ao longo de seis anos, em um Grupo de Estudos sobre Racismo. Os métodos utilizados foram leituras orientadas, resenhas, apresentação de seminários, cine-debates, palestras em sala de aula, visita a museus, exposições temporárias, participação em congressos e eventos diversos em Salvador-Ba. As discussões contemplaram questões relacionadas ao movimento negro, o processo de tomada de consciência negra, noções básicas sobre relações raciais e direitos humanos. Nesse sentido, serviu de espaço para relatos de situações vivenciadas pelos participantes. Houve interface privilegiada da Psicologia Social com a Antropologia e parcerias no desenvolvimento do Grupo de Estudos; incluíram referências bibliográficas da Psicologia e de outras ciências, a presença de convidados com formações diversas, visando aprofundar conceitos e identificar subsídios para eliminação de preconceitos e discriminações na prática profissional. Como resultados, houve a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, com assuntos relacionados à temática e três pesquisas de Iniciação Científica, de escolhas profissionais específicas e a participação efetiva de ex-alunos no Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03. Constata-se que estão em curso contribuições relevantes para a Psicologia bem como um maior envolvimento e compromisso de profissionais com o tema de importância local e nacional.

**Palavras Chave:** Psicologia social; Formação em psicologia; Relações raciais.

---

<sup>1</sup> Este artigo é produto de discussões em mesas redondas, no 6º CONPSI/2009, em Belém-PA, no CBP/2010, em São Paulo-SP e no 7º CONPSI/2011, em Salvador-Ba. Participaram dessas mesas: Valter da Mata Filho, conselheiro presidente do Conselho Regional de Psicologia da Bahia - CRP 03 (2010/2013), Carlos Vinícius Gomes Melo, ex-aluno de Iniciação Científica da BAHIANA, Escola de Medicina e Saúde Pública – EBMS; conselheiro responsável pela Comissão de Direitos Humanos - CDH do CRP-03(2010/2013) e Otávio Mendes Junior, ex-aluno da BAHIANA, coordenador do Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais - GTPRR vinculado à CDH, do CRP-03 em 2009.

## **RACE RELATIONS IN THE TEACHING OF PSYCHOLOGY: AN EXPERIENCE OF AWARENESS RAISING**

### **Abstract**

The text reports the contributions of specific disciplines with issues related to race relations in formation in Psychology, for a professional performance that contemplates racial diversity and psychological distress, fruits of racism in our society. The aim was to sensitize students of Psychology to the discussion about race relations and approaches to the field. We sought to provide a critical analysis of prejudices and stereotypes present in the practice of professionals of Psychology. The activities were conducted in the classroom and, alongside, over six years in a Study Group on Racism. The methods used were guided readings, book reviews, presentation of seminars, film discussions, classroom lectures, visits to museums, exhibitions, participation in conferences and other events in Salvador-Bahia. The discussions contemplated matters relating to the black movement, the process of making black consciousness, understanding race relations and human rights. In this sense, it has served as a space for reports of situations experienced by participants. There was privileged interface of Social Psychology with Anthropology and partnerships in the development of the Study Group; they have included bibliographical references of Psychology and of other sciences, the presence of guests with various formations, aiming to deepen concepts and identify subsidies to eliminate prejudice and discrimination in professional practice. As a result, there was the production of Course Completion Assignments with issues related to the thematic and three Scientific Initiation researches of specific career choices and effective participation of former students in the Working Group of Psychology and Race Relations of the Commission of Human Rights of the CRP-03. It is observed that there are ongoing outstanding contributions to Psychology as well as greater involvement and commitment of professionals with the theme of local and national importance.

**Keywords:** Social psychology; Education in psychology; Race relations.

## **A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINO SUPERIOR**

O tema relações raciais ainda possui pouca expressão na psicologia brasileira e as consequências do racismo exigem dos profissionais de diversos campos das ciências humanas uma atenção especial no Brasil. Convive-se com manifestações explícitas e implícitas do racismo no nosso cotidiano, devido à disseminação da crença em uma “Democracia Racial” na nossa sociedade. Parte-se da premissa de que o racismo e seus derivados são causadores de sofrimento psíquico e, além de justificativas naturalizantes de injustiças sociais, percebe-se uma necessidade de enfrentamento em diferentes níveis.

O contexto mais amplo em que ocorre a presente experiência de ensino está sintonizado com as conquistas do movimento negro, com seus reflexos na Psicologia, no início do século XXI. Na educação, houve um frutífero debate sobre as cotas que se tornaram uma realidade no ensino superior em muitas universidades públicas do país. Surgiram também críticas contundentes à qualidade do ensino público e à falta de discussão sobre cultura e história da

África nos conteúdos curriculares. Como resposta, houve investimentos no Ensino Médio e Fundamental amparados na lei 10639/2003<sup>(1)</sup> e, posteriormente, na lei 11645/2008. No caso do ensino dos cursos superiores, o tema tornou-se estratégico na formação de professores para o Ensino Médio e Fundamental com a inclusão das discussões sobre direitos humanos e relações raciais.<sup>(2)</sup> E quanto aos outros cursos do ensino superior? Não seria fundamental a inclusão do tema para o enfrentamento do racismo presente em nosso cotidiano, nas relações institucionais? Pode-se observar que, nesse sentido, algumas iniciativas ocorreram na Psicologia, destacando-se, dentre elas, as discussões geradas pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia - CFP, que elegeu o ano de 2002 para refletir sobre a humilhação social e sofrimento psíquico, frutos do racismo.<sup>2</sup> <sup>(3)</sup> Embora essa campanha tenha sido avaliada como tímida pelas psicólogas e militantes negras, o fato é que ela originou uma resolução<sup>3</sup> sobre preconceito racial, em vigor desde 2002. Neste mesmo ano, foi publicado um número especial da revista *Ciência e Profissão*, dedicado às relações raciais.<sup>4</sup> Portanto, pode-se afirmar que a Psicologia não esteve totalmente à parte das repercussões das conquistas do movimento negro.

No texto em questão, tratar-se-á das relações raciais no ensino de Psicologia. Hoje, já existe algum consenso de que o problema do racismo e suas consequências não podem ser vistos enquanto um problema do negro e sim de todos e todas. Entender como a Psicologia tratou historicamente o conceito de raça no Brasil foi imprescindível para compreender os momentos de silêncio e falta de sensibilidade de alguns profissionais para perceber o racismo enquanto fator de promoção de humilhação e sofrimento psíquico. Pretendeu-se no trabalho desenvolvido em sala de aula oferecer uma sensibilização para a busca de soluções coletivas e referências que possam subsidiar o entendimento e implicação do discurso psicológico emanado da atuação de profissionais de Psicologia em nossa sociedade desigual, estratificada e ‘racializada’. Nesse contexto, torna-se importante explicar de onde surgiram as preocupações com esses conteúdos. E qual a origem da presente experiência de ensino.

---

<sup>2</sup> Campanha “O Preconceito Racial Humilha, A Humilhação Social Faz Sofrer” de 2002 - IV Encontro Nacional das Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos de Psicologia.

<sup>3</sup> A resolução do CFP nº 018/2002 estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial.

<sup>4</sup> Revista *Psicologia Ciência e Profissão*, 2002, ano 22, nº 4, disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br>

## **Relato da Experiência do Ensino das Relações Raciais**

Neste momento, torna-se importante salientar aspectos da trajetória profissional da autora com a aproximação da temática das relações raciais, que ocorreram alguns anos antes do início dessa experiência de ensino e serão relatadas no presente trabalho. Destaca-se o período de contato e aprendizado da autora com a psicóloga e militante, Maria Aparecida Bento, durante parceria estabelecida de 1998 a 2001, entre o Centro de Estudos das Relações Raciais e Desigualdades (CERRT) e o Conselho de Psicologia de São Paulo (CRPSP). Essa parceria consistiu em discutir intensamente com psicólogos(as) e estudantes de Psicologia sobre relações raciais e, em especial, a inclusão de negros no mercado de trabalho.<sup>5</sup> Nas atividades desenvolvidas pelo CEERT e CRPSP, foi possível refletir sobre as experiências que utilizam os princípios da Economia Solidária, que se mostram como alternativas concretas, para auxiliar pessoas excluídas do mundo do trabalho a usarem sua criatividade, redefinindo seus projetos de vida para reincidirem na sociedade de forma digna. Foram apontadas também reflexões sobre o papel de psicólogas(os) organizacionais na atualidade e os caminhos para a mudança nesse novo contexto de possibilidades. Vale lembrar também de um marcante seminário internacional, sobre Inclusão no Trabalho que buscou refletir sobre experiências relacionadas aos projetos de diversidade no trabalho. Na ocasião, o foco concentrou-se na realidade vivida por mulheres, negros e pessoas com deficiências.<sup>(4-6)</sup>

Portanto, quando a autora chegou a Salvador, já possuía certa bagagem para a construção de um trabalho comprometido com a temática das relações raciais. Ao ingressar na BAHIANA, no início de 2003, assumiu as disciplinas de Psicologia Social I e II e teve um verdadeiro choque com a realidade ao se deparar com salas de aula compostas, predominantemente, por estudantes de Psicologia brancos e de classes sociais privilegiadas; afinal estava em Salvador-Bahia, a reconhecida e badalada cidade com maior contingente de negros fora da África. Por isso, desde o

---

<sup>5</sup> O resultado dessa parceria pode ser encontrado em duas publicações, nos livros: **Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades** (Bento, 2000) e **Inclusão no trabalho: desafios e perspectivas** (Bento e Castelar, 2001), ambos publicados pelo CRPSP e Casa do Psicólogo .

início do seu ingresso no curso tratou de se aproximar da então professora<sup>6</sup> das disciplinas de Antropologia e Sociologia, com a qual estabeleceu uma decisiva parceria para a realização de trabalhos entre essas disciplinas. E, por vários anos, as docentes buscaram trazer, juntas, para o cotidiano da sala de aula, seus acúmulos sobre o tema, com a participação de palestrantes convidados,<sup>7</sup> visitas a museus, divulgação e presença em palestras e outras atividades vinculadas ao Movimento Negro de Salvador. O resultado desse trabalho atualiza-se na fala de uma psicóloga, depois de formada, ex-aluna desse projeto, que deu seguinte depoimento de sensibilização em sala de aula:

Eu construí esse conceito [ser negro] na faculdade. Na infância, na adolescência, eu não tinha essa concepção, nem esse diálogo em casa, nunca houve, nenhuma discussão sobre ser negro, ser afrodescendente, nunca ouvi esse termo antes. E eu tenho certeza que foi na faculdade, na disciplina de Psicologia Social e também através de uma professora chamada Marilda Castelar, uma branca, né? Paulista [mineira]. E foi ela quem trouxe essa reflexão pra turma e conseguiu atingir algumas pessoas que se identificaram com aquilo. Muitos não, mas alguns afrodescendentes da sala se identificaram com essa temática através dos trabalhos passados para a gente fazer e foi a partir daí, através de uma questão racional mesmo, de análise. Dentro do contexto da Psicologia Social, eu e muitos dos meus colegas afrodescendentes começamos a refletir sobre a nossa própria cultura e sobre o nosso lugar nessa cultura. Antes acredito que muitos de nós não tínhamos essa consciência e eu principalmente não tinha. (Entrevista 5)<sup>8(7)</sup>

E para outra ex-aluna entrevistada, o tema das relações raciais

[...] Na faculdade teve presente [o tema identidade negra] de uma forma bem forte, através de pesquisas. Eu participei desde o início em grupos na sala de aula e depois mais ampliado. A gente participava de um grupo de estudo sobre racismo. E lá a gente participou de palestras, discussões... e isso foi muito importante. Que começou ali a partir de textos e foi se ampliando pra vida como um todo. (Entrevista 3)<sup>(7)</sup>

---

<sup>6</sup> Dr.<sup>a</sup> Luzânia Barreto Rodrigues, foi professora da BAHIANA de 2000 a 2007.

<sup>7</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Figueiredo (socióloga), Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Bento (psicóloga), Dr. Ari Lima (antropólogo), Dr. Silvio Humberto (economista) e outros (as).

<sup>8</sup> Depoimento colhido por Carolina Conceição de Oliveira Santos para a pesquisa **Construção afro-identitária de profissionais de psicologia em Salvador-Ba** (2009/2010) (ainda não publicada) e para o TCC sobre **Trajetórias de vida e consciência negra: limites e possibilidades na atuação de psicólogos(os) negros(as)** (2010), ambos orientados por Marilda Castelar.

O Grupo de Estudos sobre Racismo teve sua primeira edição em 2003.1, como produto desse frutífero trabalho de sala de aula e da solicitação de estudantes mais sensibilizados, que se aprofundaram em suas pesquisas e apresentaram seminários e trabalhos de aproximação com o tema. O grupo, nesse primeiro semestre, foi composto apenas por onze participantes brancos e negros (maioria), entretanto, até 2008.2, frequentaram por volta de 150 estudantes de um universo de aproximadamente 800 egressos.<sup>9</sup> As atividades pretenderam localizar e estimular a produção do conhecimento da Psicologia no campo das relações raciais, assim como sensibilizar para a importância do trabalho com a população negra da cidade, através da reflexão dos preconceitos pessoais, considerando o perfil dos estudantes da BAHIANA e as necessárias transformações do ensino da Psicologia para dar conta das demandas do nosso cotidiano. Nesse contexto foram muito bem-vindas todas as contribuições de disciplinas específicas com temas relacionados às relações raciais. Foi dada continuidade às visitas, às exposições temporárias e às discussões a respeito da identidade e consciência negra. Temas fundamentais para a formação de psicólogas(os) no contexto brasileiro, sobretudo baiano, para uma atuação profissional que contemple a diversidade racial e, mais especificamente, o sofrimento psíquico, fruto do racismo.

Para os componentes desse primeiro grupo foi uma experiência intensa e marcante, pois o espaço também foi utilizado para seus depoimentos sobre situações de racismo, ocorridas em seus cotidianos o que deu vazão a uma demanda reprimida e ainda não qualificada como sofrimento psíquico que, muitas vezes, interferiam em seus processos de aprendizado e até na participação em sala de aula. Anos depois, em entrevista para a pesquisa de Iniciação Científica da coautora deste artigo, um dos participantes deu o seguinte depoimento:

[...] nós abrimos isso para a turma, foi criado um grupo de estudo específico sobre racismo e a gente podia compartilhar essas lembranças desde criança, situações de racismo, preconceito, pequenos comentários, foi que eu comecei a atentar de que o preconceito existia, ou seja, comecei a me dar conta de que eu era negra, porque eu já tinha sofrido preconceito [...] (Entrevista 5).<sup>(7)</sup>

---

<sup>9</sup> Dados obtidos na secretaria do curso de Psicologia, com pesquisa nos registros acadêmicos de 2003 a 2010.

O objetivo das atividades desenvolvidas no grupo de estudo foi proporcionar um local para aprofundamento dos estudos sobre relações raciais no campo da Psicologia, mas serviu como espaço de trocas e tomada de consciência. Buscou-se propiciar uma análise crítica sobre os acontecimentos relacionados ao preconceito e estereótipos presentes no cotidiano e suas implicações na prática de profissionais da área, negros e brancos.

As atividades foram desenvolvidas desde 2003.1 e, ao longo de seis anos, em um formato que convencionamos chamar de **Grupo de Estudos sobre Racismo**. As atividades eram oferecidas semestralmente como disciplina optativa com diversos nomes. Nos três primeiros semestres (2003.1 e 2004.1), a disciplina intitulou-se **Estudos sobre Racismo**; nos três anos seguintes, **Grupo de Estudos sobre Racismo**, até 2006.2; em 2007.1, **Direitos Humanos e Igualdade Racial**; em 2008.1 **Seminários sobre Racismo nas Perspectivas da Psicologia e da Antropologia**; em 2008.2 **Psicologia e Consciência Negra**. Após essa data, os estudos passaram a integrar um Grupo de Pesquisa da Linha de Pesquisa Memória e Diversidade, inscrita no CNPq desde 2008, espaço reservado para orientar Iniciação Científica e também os Trabalhos de Conclusão de Cursos que necessitavam de pesquisa<sup>10</sup>.

As estratégias de ensino desenvolvidas no Grupo de Estudos sobre Racismo para focar o tema das relações raciais privilegiaram as leituras orientadas, resenhas com apresentação para o coletivo, cine debates, palestras em sala de aula, visita a museus, exposições temporárias, participação em eventos diversos relacionados ao tema na cidade de Salvador-Ba e a produção de eventos na faculdade. Quanto às referências bibliográficas,<sup>11</sup> utilizadas pelo Grupo de Estudos, nas primeiras turmas, destacam-se as seguintes obras: **Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades**;<sup>(4)</sup> **Afrodescendente: identidade em construção**;<sup>(8)</sup> **Consciência negra em cartaz**;<sup>(9)</sup> **Inclusão no trabalho: desafios e perspectivas**;<sup>(5)</sup> **O Papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**;<sup>(10)</sup> **Psicologia social do racismo: branquitude e branqueamento**;<sup>(11)</sup> **Novas elites da cor: estudo sobre profissionais liberais negros de Salvador**<sup>(12)</sup> e outros.

<sup>10</sup> Dados obtidos dos Planos de Ensino da autora que constam na secretaria do curso.

<sup>11</sup> As referências bibliográficas, os artigos, os filmes e museus locais visitados constam na primeira e segunda edição do Guia de Referências Psicologia e Relações Raciais (CRP03, 2008, 2010), produzido pelo Grupo de Psicologia e Relações Raciais. Dados obtidos nos Planos de Ensino da autora.

Os conteúdos abordados e as discussões foram relacionados aos conceitos de raça, branquitude e branqueamento no Brasil, história e conquistas do movimento negro, inclusão e exclusão no trabalho, medidas compensatórias e reparação (ações afirmativas), identidade e o processo de tomada de consciência negra, religiosidade africana e afro-brasileira, noções básicas sobre relações raciais, direitos humanos, racismo, sofrimento psíquico e formas de intervenção. O Grupo de Estudos serviu de espaço para relatos de situações vivenciadas pelos participantes em suas histórias de vida. E, como oportunidade de aprofundamento de temas estudados nas disciplinas de Psicologia Social e Antropologia, essa interface materializou-se também no desenvolvimento de dois semestres do grupo de estudos, parcerias<sup>12</sup> fundamentais neste trabalho.

[...] tive a enorme felicidade de participar de um grupo de estudo sobre o racismo, na verdade antes desse grupo de estudos, já com a mesma professora Marilda, que coordenava esse grupo, a gente fez um trabalho interdisciplinar com a temática das relações raciais. E aí eu já vinha com essa trajetória... esse grupo sobre racismo com a Psicologia tem mergulhos mais profundos na subjetividade, dos efeitos do racismo. Dos efeitos psíquicos, aí fui me vendo. Tudo que eu estou falando aqui foi efeito dessa reflexão... Aí veio forte o movimento político assim, a gente foi se vendo, se trabalhando, se vendo, se percebendo, entendendo o que é racismo... Foi vendo o racismo disfarçado do Brasil, o que é ser brasileira, a gente foi estudando tudo isso, e foi uma época também que muitos começaram a estudar em outros cursos também, o movimento negro, conquistando muitas coisas [...]. (Entrevista 2)<sup>(7)</sup>

O grupo também buscou suporte em outras áreas do conhecimento e, com frequência, contou com a presença de palestrantes de diversas formações<sup>13</sup> inclusive dos psicólogos que já discutiam o racismo e suas consequências. Todas as ações visaram aprofundar conceitos e identificar subsídios para uma prática profissional comprometida com o contexto social.

Desde o início do Grupo de Estudos, todas as palestras com visitantes e cine debates foram abertas para o curso de Psicologia com ampla divulgação, destacando-se uma apresentação, com ex-alunos, dos temas de Trabalhos de Conclusão de Curso e depoimentos sobre as atividades desenvolvidas em suas práticas profissionais relacionadas ao tema das

---

<sup>12</sup> O professor e antropólogo, Dr Ari Lima, também desenvolveu atividade complementar com a disciplina intitulada Seminários sobre Racismo na Perspectiva Psico-Antropológica em 2007.1 e 2007.2.

<sup>13</sup> O economista Dr. Silvio Humberto, a historiadora Izabel de Fátima e o historiador Walter Passos, os psicólogos Lúcio de Oliveira e Valter da Mata Filho e outros.

relações raciais, a partir da mesa redonda **Psicologia, Cultura e Subjetividade**, durante o II Seminário de Pesquisa em Psicologia da BAHIANA, agosto de 2008 e o II Encontro da Consciência e Diversidade intitulado **As Diferenças são Necessárias: Identidade Negra em Cena**, em outubro de 2008. Ambos organizados pelos alunos com a participação dos professores e convidados.

Em 2006 e nos anos seguintes, foi possível observar os primeiros resultados com a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso,<sup>14</sup> com assuntos relacionados às relações raciais e às três pesquisas de Iniciação Científica, além da continuidade da produção de outros Trabalhos de Conclusão de Curso<sup>15</sup> dos estudantes, que podem ser considerados resultados reveladores da importância dos investimentos em sensibilização e estudos realizados. Outra forma de avaliar esses resultados foi uma pesquisa com o objetivo de verificar a repercussão dessa sensibilização, recebida na graduação, na prática profissional cotidiana, em suas trajetórias de vida e nas escolhas profissionais específicas vinculadas ao tema ou ao campo social.

Concomitantemente a esse trabalho de sala de aula e do Grupo de Estudos, no período de 2005 a 2007, a autora coordenou a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de

---

<sup>14</sup> COSTA, Janine Lima da. **Ser negro em Salvador: estratégias para novos caminhos e possibilidades**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Marilda Castelar.

SANTOS, Taíse dos Anjos e FILGUEIRAS, Taynan Alves. **A presença do racismo na trajetória de mulheres negras no mundo do trabalho: possíveis contribuições da Psicologia**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Marilda Castelar.

MACHADO, Veridiana Silva. **A vivência religiosa no Candomblé análogo à experiência do religare sob a ótica junguiana**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Ana Elizabeth Castelo Branco Rabello.

FERRAZ, Débora e MENDES, Otávio Junior. **Negritude e dança afro-brasileira na perspectiva do psicodrama**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Marilda Castelar.

<sup>15</sup> DÓRIA, Margarete, ROCHA, Rosalina. **A construção da identidade negra em uma instituição municipal de ensino**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Elizete Passos.

MELO, Carlos Vinícius Gomes. **Uma revisão de literatura sobre ideias psicológicas no processo histórico de exclusão de afrodescendentes**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Marilda Castelar

ARRUDA, Jheylane Andrade dos Santos e CORRÊA, Letícia Rocha. **Tempo e sensibilidade: histórias de vida de velhos negros**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Orientadora: Marilda Castelar.

Psicologia da Bahia. Essa comissão contou com a participação de profissionais e estudantes de psicologia, representantes de quatro faculdades de Salvador.

Paralelamente também, eu ainda fazendo a faculdade, já fazia parte lá da Comissão de Direitos Humanos, de um Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais e a gente ia então para a prática também. Para as questões também de sensibilização da [categoria], a classe de Psicologia. (Entrevista 5)<sup>(7)</sup>

Essa ação foi pioneira no CRP 03 e serviu para ampliar o trabalho para além dos muros da BAHIANA, além de possibilitar um maior intercâmbio com o que já acontecia de discussão sobre relações raciais na cidade no campo da psicologia. Muitos felizes e frutíferos encontros e trocas puderam ser realizados, principalmente com os estudantes e profissionais que discutiam sobre relações raciais na UFBA. Sabe-se que, desde 1998, a Bahia ampliou de 1 para 32 cursos de psicologia, sendo 14 na cidade do Salvador e, no CRP 03, o número de inscritos aumentou de 1.983 (BA e SE, no ano de 1998) para 5.252, ativos, somente na Bahia (julho de 2011).<sup>16</sup>

No início de 2007, foram criados, no CRP 03, vários grupos de trabalho com temas diversos: Psicologia e Relações Raciais, Direitos da Criança e do Adolescente, Combate à Homofobia e Saúde Mental. De 2007 a 2010, intensificaram-se as discussões sobre relações raciais no âmbito do CRP-03 e foi possível observar a participação efetiva e decisiva de alguns estudantes e ex-alunos na militância no CRP-03, na criação do primeiro Guia de Referências sobre Psicologia e Relações Raciais, em 2008, para divulgar o tema e orientar profissionais e futuros psicólogos. Na gestão 2010/2013, essa comissão passou a ser coordenada por um psicólogo, ex-aluno da Bahiana. O Grupo de Trabalho Psicologia e Relações Raciais já produziu a segunda edição do Guia de Referências, em 2010.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação em Psicologia inicia-se na faculdade, os estudantes são de classes sociais diversas, composta de uma população de brancos e negros. Sabe-se que a consciência negra é

---

<sup>16</sup> Ver Histórico das Inscrições no site do CRP 03 < <http://www.crp03.org.br/site/GestaoFormacaoAtual.aspx>>

algo possível de ser processado, desde que o investimento seja constante. Portanto, torna-se estratégica a sensibilização inicial dos estudantes, para que no futuro se dê o envolvimento e seu comprometimento social com a população nesta cidade e também em outras regiões do país. É preciso que os atuais e futuros psicólogos compreendam, de forma mais ampla e específica, como se dão as relações raciais existentes na sociedade, para produzir conhecimento que possa dar conta da realidade concreta e, principalmente, de um sofrimento psíquico peculiar, sutil e explícito presente no cotidiano da vida dos soteropolitanos e nos diversos cantos deste país; seja nas relações institucionais, em especial na escola, no trabalho, na família e também nas outras relações sociais como no esporte, lazer, cultos religiosos, segregação territorial, luta de classes, etc.

Percebe-se que a luta será longa e, por outro lado, as práticas psicológicas e suas contribuições ainda se mantêm bastante tímidas, apesar de já existirem algumas referências, de muitos profissionais sensibilizados e da discussão ter efetivamente ampliado-se no âmbito da psicologia, conforme se constatou no Primeiro Encontro Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) sobre Relações Interraciais e Subjetividade no Brasil - I PSINEP<sup>17</sup>, em 2010, com a produção de uma importante carta contendo diretrizes para o avanço do tema das relações raciais em âmbito nacional.

A Psicologia, enquanto campo de saber, tem potencial e é solicitada constantemente para novas e grandes contribuições. Nesse sentido, até o momento, conseguiu-se dar visibilidade à importância da promoção dos Direitos Humanos. Foi pensando na importância de a categoria incluir tais discussões em sua prática e iniciá-las ainda na formação. No entanto, não pode ser algo isolado das outras disciplinas, dos conteúdos curriculares ou apenas limitado às Comissões de Direitos Humanos do Sistema Conselhos, discussões ainda restritas em Grupos de Trabalho sobre as Relações Raciais. É preciso que outras ações possam somar-se e subsidiar o entendimento e a ampliação do discurso psicológico em suas dimensões concretas e subjetivas, para o enfrentamento do desafio de transformação da realidade.

---

<sup>17</sup> Carta de São Paulo, produzida no I PSINEP em 2010, disponível juntamente com os Anais do evento em: <http://psinep.pol.org.br>

## REFERÊNCIAS

1. Souza AL, Crosso C, coordenadores. Igualdade das relações raciais étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10639/2003. São Paulo: Ação Educativa; 2007.
2. Dória M, Rocha R. A construção da identidade negra em uma instituição municipal de ensino [monografia]. [Salvador (BA)]: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; 2008.
3. Silva MVO, coordenador. Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.
4. Bento MAS, organizador. Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades, São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.
5. Bento MAS, Castelar M, organizadores. Inclusão no trabalho: desafios e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
6. Castelar M. Contribuições da memória para uma história da psicologia no serviço público em Campinas [tese]. [São Paulo (SP)]: PUC-SP; 2005.
7. Santos CCO. Trajetórias de vida e consciência negra: limites e possibilidades na atuação de psicólogas(os) negras(os) [monografia]. [Salvador (BA)]: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; 2010.
8. Ferreira RF. Afrodescendente: identidade em construção. São Paulo: EDUC; 2000.
9. Silva NFI. Consciência negra em cartaz. Brasília: UnB; 2001.
10. Joaquim MS. O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra. Rio de Janeiro: Pallas; 2001.
11. Bento MAS, Caron I, organizadores. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes; 2002.
- 12 Figueiredo A. Novas elites da cor: estudo sobre profissionais liberais negros de Salvador. São Paulo: Annablume; 2002.